

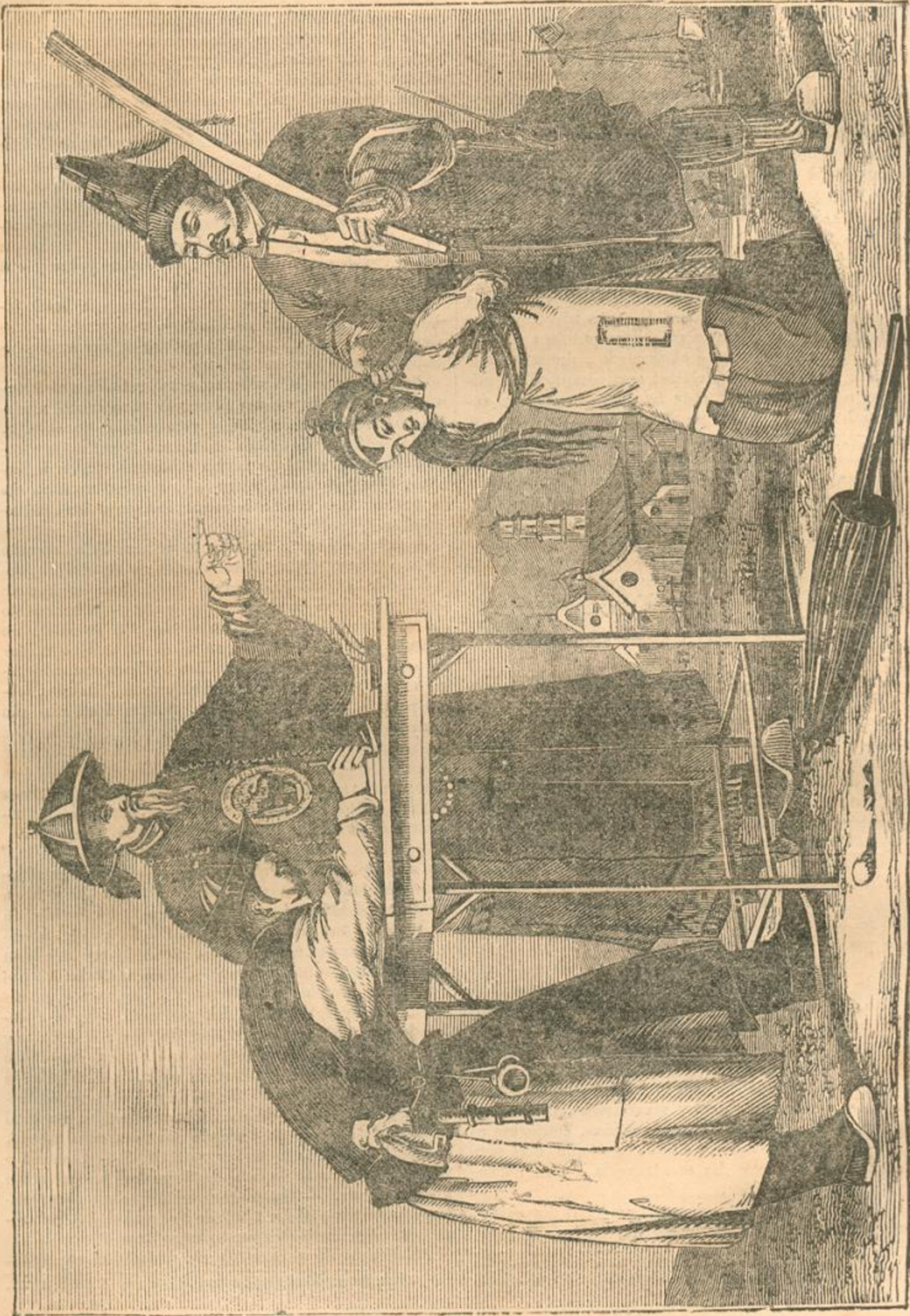
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

54) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MAIO 12, 1838



A CRIMINOSA PERANTE O MANDARIM.

## CHINA.

## 2.º [\*]

Muitos escriptores, principalmente no seculo passado, se espriaram em louvores ao povo chin, aos seus costumes e á sua administração e regimentos civis e judiciaes: porém as relações de viajantes fidedignos, e despreoccupados, e de outros europeus, que viveram muito tempo na China, fizeram grande quebra nesses pomposos elogios, acintemente exaggerados para menoscabar as leis e os governos da Europa. Na China, como em muitas partes, o forte opprime o fraco, e o que possui alguma auctoridade, abusa della para vexar os seus subordinados. O imperador é um despota absoluto, que a seu bel prazer promulga, e derroga as leis; e o respeito que lhe tributam degenera quasi em adoração. Ainda quando este principe seja dotado de animo justiciero e recto, como será possível fazer-lhe chegar ás mãos queixas e petições dos varios pontos d'um imperio tão deramado, e onde os recursos legaes são quasi nullos? — O imperador costuma expedir secretamente commissarios encarregados de observar o procedimento dos magistrados; mas estes homens as mais das vezes são corrompidos com dadivas. E como não acontecerá assim n'um paiz, onde os cargos publicos são venaes, porque ninguem é empregado, desde a mais alta até a mais inferior classe, sem comprar aos ministros o emprego? Há uma lei que prohibe aos encarregados de qualquer governo, ou administração, receberem presentes; mas todos sabem perfeitamente illudi-la: além de que, na China, como em muitos paizes da Europa, as leis são boas, [segundo diz um missionario] mas é pena que não se observem. Por isso as ordens do principe são mal executadas; e a inspecção reciproca de seus mandatarios é as mais das vezes chimerica. Tal é o destino dos governos absolutos: tenha embora o principe as melhores intenções, os delegados do poder lh'as frustram. Reben-ta de tempos a tempos um ou outro acto de justiça, mas como estes são raros, também são insufficientes e breve esquecem.

Na China, além do conselho do imperador, ha seis tribunaes supremos, encarregados da administração do imperio; e um especial para a familia imperial. Os membros destes todos são metade Mantchús [os tartaros que conquistaram a China], metade chins. Há outro de *censores publicos*, que tem o direito, igualmente conferido aos presidentes d'aquelles, de apresentar memoriaes, e representações ao monarcha.

Os europeus deram o nome de mandarins a todas as auctoridades chins, quer civis, quer militares, da palavra portugueza *mandar*: porém o seu titulo no paiz é *konan*. A estes ninguem falla senão de joelhos, salvo se tem algum cargo que diso o isente. Nenhum sae a publico sem numeroso cortejo, e todos devem parar com demonstrações de profundo respeito até que elle passe. Os salarios dos mandarins são mediores; e a sua comitiva é muito mal paga, e mal mantida; por isso elles tractam de tirar do povo com que supprir as suas despesas, apezar de quantas ordenações o governo publica para os conter: por isso é proverbio entre os chins que o imperador solta tantos lobos, e ladrões, quantos mandarins nomeia. Estes magistrados tem diversas jerarchias, conforme as quaes trajam; e, por ser distinctivo que lhes pertence, nenhum particular se atreveria a usar bordados d'ouro nos vestidos.

Para que se faça idéa do regimen civil dos chins, mencionaremos aqui algumas das suas leis permanentes.

(\*) O 1.º artigo sobre a China se achará em o N.º 30 a pag. 234 do nosso 1.º vol., e a descripção de Macau em o N.º 5 do mesmo.

O filho succede nos bens do pae, porém não nas dignidades. Os descendentes da familia reinante teem a jerarchia de principes, gozam certas rendas, mas sem mando algum. É nobre todo o que foi, ou é mandarim, e aquelle a quem o imperador confere graduação, ou titulo honorifico, que até muitas vezes é concedido aos antepassados da pessoa que o principe pertende honrar; porém o titulo não passa aos filhos. Só a familia do legislador Confucio goza d'um titulo que passa aos descendentes em linha recta.

Há sete classes de cidadãos; mandarins, militares, letrados, sacerdotes, lavradores, artistas, e commerciantes. Os empregos devem ser conferidos segundo os talentos, credits, ou serviços de cada um: mas os presentes, e os ministros acham meios de supprir tudo isto. Da classe dos letrados saem de ordinario os mandarins. Os sacerdotes são mui numerosos, e sabem aproveitar-se destramente da inclinação dos chins para as superstições: possuem no imperio muitas casas e terras; o que lhes dá credito e importancia politica. A classe agricultora, apesar de ser a que o governo mais protege, é a mais pobre; e a commercial é muito despresada.

Os comediantes são reputados infames, e inadmissiveis aos exames para mandarins; os carrascos e carcereiros são mal vistos, mas podem deixar suas profissões quando tenham de que viver.

As leis penaes são severas, e executadas promptamente, como era mister para um povo subtil e malicioso, regido unicamente pelo temor do castigo. Comtudo hoje vão caindo em desuso as punições atrozes, que representam varias estampas vindas á Europa. O supplicio da canga [\*], e as bastonadas, são as penas mais ordinariamente infligidas aos delinquentes.

A gravura juncta representa uma ré chim no acto da inquirição perante o mandarim; o official de justiça a tem segura pela trança, unico meio de que se pôde valer para a constringer a vir á presença do mandarim; meio de que usam também para com os homens agarrando-os pelo rabicho. O castigo vulgar para as mulheres é fustigar-lhes as faces com um pedaço de couro rijo: mas, geralmente fallando, como passam uma vida reclusa, poucas mulheres são punidas na China.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NOS DOIS PRIMEIROS MEZES D'INVERNO DO ANNO DE 1838. — POR M. M. FRANZINI.

As OBSERVAÇÕES de que vamos offerecer os resultados foram feitas em um edificio situado no alto da Patriarchal Queimada, e na altura aproximada de 75 metros [341 palmos] sobre o nivel do Têjo. O calor, ou temperatura do ar, é indicado por um bom thermometro exposto ao norte, e ao ar livre. A divisão é a da escalla de Fahrenheit, que se usa geralmente em Inglaterra. O frio que gela a agua é indicado por 32.º, e o calor que faz ferver a agua por 212.º, de sorte que o espaço que separa estes dois pontos constantes e invariaveis, se acha dividido em 180 partes ou graus. O thermometro de que actualmente se faz uso em França é o centigrado, no qual o ponto da congelação é notado por uma cifra ou 0.º, e o ponto da agua a ferver por 100.º — Quando o frio excede o ponto da congelação se designa por graus abaixo de zero. — Daqui se conclue que um grau centigrado corresponde a 1,8.º de Fahrenheit, e facil será converter reciprocamente estas duas divisões.

As alturas do barometro são indicadas em milli-

(\*) Vide acerca deste supplicio o N.º 37 a pag. 15 deste 2.º vol.

metros da divisão decimal franceza, devendo advertir-se que a 29 pollegadas inglezas, que é geralmente a escalla que indicam os barometros que se usam em Portugal, correspondem 736,7 millimetros, e a 30 pollegadas 762 millimetros, pelo que cada decimo de pollegada equivale a 2,53 millimetros.

A respeito do pluviometro, com que se avalia a quantidade de chuva que cae da atmosphera, já se deram as necessarias explicações nos §§ antecedentes.

O thermometro é observado todos os dias ao nascer do sol, que é a epocha mais fria do dia, e ás 2 horas da tarde, que é a mais quente. — A somma de todas estas observações, dividida pelo numero das vezes em que foram feitas, dão a temperatura média daquellas duas epochas, e a média entre estas duas dá a temperatura do mez.

*Dezembro de 1837, ou 1.º mez do inverno de 1838.*

Temperatura média das manhãs 51,6.º  
Dita d.ª ás 2 h. da tarde 59,8.  
Dita geral do mez . . . . . 55,7.  
Maior frio 42.º no 1.º do mez. — Maior calor 66.º, a 19, e 20.

Maior altura do barometro: 766,8 millimetros. — Menor altura 750 millimetros. — Altura média no mez 759.

*Estado da atmosphera.* — Dias de chuvas brandas 5, d.ªs de chuvas abundantes 10. Total 15 dias, em que caíram 100 millimetros de agua.

O mez foi em geral tépido, humido e chuvoso; porém não houveram tempestades, e sómente no dia 26 soprou com violencia o vento Oeste, ou de travessia, que continuou até ao fim do mez, fixando-se ao NO. de refegas acompanhadas de abundantes aguaceiros. — Nesta mesma epocha reinaram no Bosphoro e Mar-Negro terriveis furacões que causaram muitos naufragios.

A terrivel sêca que dominou nos dois antecedentes mezes de Outubro e Novembro, causando os maiores prejuizos á propriedade agricola deste reino, cessou finalmente no dia 5 de Dezembro, em que caíu chuva com abundancia, acompanhada de alguns trovões. Tendo desaparecido nos dois antecedentes mezes todas as pastagens, e quasi secado todos os mananciaes de agua, perdeu-se grande quantidade de gado, especialmente no Alentejo. — Felizmente as chuvas que se seguiram no decurso do mez foram compassadas e sem tempestades, pelo que foi toda absorvida pelos terrenos dissecados, e apesar de terem sido regados no decurso do mez com mais de 3½ pollegadas de agua, ou 23 almudes por braça quadrada, comtudo no fim de Dezembro as fontes e ribeiros appareciam ainda tão escassos como no verão mais ardente. — Os lavradores aproveitaram os dias sêcos para prepararem os terrenos ás sementeiras. — As hortaliças e pastagens prosperaram com tão proficua régua.

*Janeiro de 1838.*

Temperatura média das manhãs 49.º  
Dita d.ª ás 2 h. da tarde 57.  
Dita geral do mez . . . . . 53.  
Maior frio 40.º a 19. — Maior calor 67.º a 12.  
Maior altura do barometro 760,1 no 1.º do mez.  
Menor „ „ „ 734,8 a 24.  
Média do mez . . . . . 749,8.

*Estado da atmosphera.* — Dias de chuvas brandas 9. — Ditos de chuvas abundantes 15. — Total 24 dias em que caíram 230 millimetros, ou 67½ almudes por braça quadrada.

Foi este mez extremamente chuvoso, humido e té-

pido, com tres dias de fortes tempestades de travessia, a saber a 26, 27, e 28. — A 18 e 19, dias os mais frios, caíu alguma geada nas margens superiores do Téjo.

Na noite de 18 para 19, que foi tambem em Lisboa a epocha mais fria do mez, baixou o thermometro em Paris a 19.º abaixo do gelo, que é quasi o maior grau de frio que se tem experimentado naquella capital nos invernos mais rigorosos. Foi seguido de immensa neve, e frio intensissimo que gelou o rio Senna, generalisando-se até ás provincias meridionaes daquelle reino. — Juncto a Marselha, em uma latitude pouco superior á de Vigo, gelou parte da costa do Mediterraneo, caso rarissimo. — O mesmo frio se declara em Bruxellas aonde atinge 16.º abaixo do gelo. — Em Londres chega a 19.º, e a navegação do Tamisa fica interrompida pela grande quantidade de gelo que o rio acarreta. — Muitos individuos perecem nestes paizes victimas do frio.

Ao mesmo tempo que um tão rigoroso inverno se declara na Inglaterra, França, Hollanda, e centro da Alemanha ao longo do Danubio, que tambem gela, apparecia o raro fenomeno de se manter na Noruega e Islandia a mais suave temperatura. Em Christiania a bahia estava a 11 de Janeiro sem gelo algum, o que na memoria dos habitantes nunca tinha succedido em tal epocha, de sorte que se viu ao mesmo tempo o contraste de uma doce temperatura reinando na extremidade septentrional e meridional da Europa, ficando entregue o centro deste continente a um dos frios mais rigorosos de que ha memoria. — É egualmente notavel a coincidencia da epocha destes grandes frios no centro da Europa, com o terremoto que se sentiu nas provincias situadas ao longo do Danubio, cujos abalos se estenderam até Constantinopola, aonde houve a 23 um ligeiro ameaço.

Em Lisboa, como já se notou, nunca o thermometro desceu a mais de 40.º, ou 5.º centigrados acima do gelo. Nos ultimos 10 dias do mez sopraram ventos rijos de O., e ONO. acompanhados de copiosas chuvas de aguaceiros. — A 28 houve uma grande tempestade e trovoadas em Sevilha, que causou graves prejuizos na cathedral, e em alguns edificios.

Comparada a chuva que caíu em Lisboa no decurso deste mez, com a quantidade média deduzida nos 10 annos antecedentes, se conclue que foi tres vezes mais abundante, chovendo quasi todo o mez.

## O MINHO.

### III

#### Grandes povoações. — Industria.

CONSIDERAMOS já o Minho na sua riqueza agricola, nos costumes geraes do povo, e no aspecto do solo [1]: agora fallaremos mais individualmente das grandes povoações daquella provincia, e da industria dellas, bem como dos caracteres moraes que distinguem os seus habitantes.

Entre as cidades do Minho pertence a primazia ao Porto, não só pela superioridade da sua população, mas por muitas outras circumstancias que a tornam talvez a mais notavel do nosso Portugal. Berço da monarchia lhe podemos chamar; porque della Portugal tira o nome: e parece que ahi, como fonte da existencia nacional, se tem conservado perenne a seve e vigor do caracter portuguez. Independencia de animo, valor militar em subido grau, espirito dado ás navegações, e ao commercio, em fim os principaes dotes de nossos avós são ainda hoje as feições caracteristicas do povo portuense.

[1] Veja-se a pag. 211 e 227 do 1.º vol.

Já n'outra parte dissemos que a gente do Minho é essencialmente laboriosa, e nisto mesmo leva a palma o Porto ás outras povoações da provincia. Nesta cidade todos trabalham com affinco nos seus diversos misteres, ainda que seja o commercio interno e externo o principal delles. — É o Porto o centro commum do tracto mercantil das duas provincias do norte, e ainda de grande parte da Beira. Dalli saem navios para todas as regiões da Europa e para muitas da America; alli aportam embarcações de diversissimos povos a buscar os productos do nosso sólo; dalli se repartem as mercadorias estranhas; para alli convergem as proprias: assim nenhum espectáculo de vida commercial haverá mais interessante do que o que offerece diariamente a cidade do Porto, principalmente nos dias chamados de mercado. As ruas atulhadas da gente dos arredores e até de bem remotas aldeas, carregada do producto da sua agricultura ou industria; o ruido dos carros, e das cavalgadas, cruzando a cidade por todos os lados; o borborinho da multidão; as altercações sobre os preços dos differentes generos que se permutam; tudo, para quem chega ao Porto n'um destes dias de actividade immensa, se assemelha a uma grande commoção popular. Entretanto nada ha mais pacifico do que estas grandes reuniões, em que cada um attento ao seu trafico só cuida em promover o proprio proveito sem lhe importarem enredos e dissensões de politicos e ociosos. É de notar que nestes dias raro será alevantar-se uma rixa no meio deste grande movimento e luta de interesses e especulações. Nasce isto de ser o povo do Porto o mais socegado de Portugal; o valor emprega-o nos campos de batalha, e não em bandos e arroudos.

Assim vereis os filhos do Porto alheios a todas as dissensões civis: as praças e ruas de uma cidade commercial e industriosa não foram feitas para theatro de facções: para prosperar o commercio a primeira necessidade é a paz e o repouso interno.

Mas não offendaes a liberdade; não queiraes escravizar o povo. Se o tentaes, lembrae-vos que lá está o Porto: elle se alevantará como um leão do deserto, e desfará as entranhas dos tyrannos e dos inimigos da patria. Esses homens tão doces, tão pacificos, tão laboriosos, se converterão em soldados invenciveis, e ai daquelles que ousarem espera-los no campo. Quem poderia levar a palma da victoria dos netos não degenerados dos conquistadores da Africa e da India!

Alguem. — O que, debaixo das apparencias de amigo, os atraigoasse. Sinceros, francos, e generosos, quando estendem a mão para apertar outra, creem firmemente que o coração guia esta, como guia a sua; e ordinariamente é já tarde quando conhecem que os traíram.

O Porto, terra frequentada de estrangeiros, terra de luxo, e de prazeres, semelhante a uma pequena capital, ainda conserva, além das virtudes publicas as virtudes de familia, apesar de não faltarem incentivos de corrupção: a boa-fé nos contractos, é o distinctivo dos commerciantes do Porto; porque se alli é pouco apurada a educação litteraria, em compensação é excellente a educação moral. Se quizerdes a prova disso frequentae os logares publicos do Porto, os caffès, os bilhares, as casas de jogo, os passeios, ou coutadas de ociosos. Vereis em cada um desses sitios dez ou vinte pessoas; e se repetirdes as visitas, ahi encontrareis sempre os mesmos homens. O concurso da mocidade do Porto procura-o nos escriptorios, na bolsa, na alfandega, e nos armazens e lojas de mercadorias, ou no seio das reuniões familiares, onde o goso é desafogado de etiquetas, mas decente e puro.

Outra prova do que dizemos acha-la-heis nessa mes-

ma mocidade brilhante, esperança da nossa patria: o mancebo do Porto é commumente robusto e sadio; olhae para elle, e vereis que os vicios e as dissoluções não lhe corromperam em flor a seve da vida.

Temos dicto até aqui bem: cumpre, para em tudo sermos verdadeiros, dizer tambem mal. O portuenses não póde acreditar que haja neste mundo cousa melhor que o Porto: o orgulho nacional [molestia de todos os povos] apresenta nos habitantes desta cidade as suas mais proeminentes feições: nisto mesmo, porém, mostram serem quem tem conservado mais puras as velhas tradições portuguezas.

Tambem observaremos que as letras e as boas artes são pouco cultivadas no Porto. Não que os portuguezes sejam rudes: do meio delles teem saído homens notaveis por talento e bons estudos, e ainda hoje os dois primeiros jurisconsultos portuguezes são dois filhos da cidade eterna: mas o commercio absorve tudo, e deixa pouco espaço para medrarem os ingenhos felizes.

Das artes fabris poucas podem equiparar o seu progresso ao progresso que teem feito em Lisboa, se exceptuar-mos o officio de ourives da prata, e o fabrico de tecidos, em que o adiantamento dos artistas portuenses tem sido grande.

Ha um adagio entre nós, que na verdade é injusto, no sentido em que muita gente o toma: é este a phrase vulgar, *contas do Porto*, com que indicamos a mesquinha exacção na divisão de despesas a cargo de diversas pessoas: com esta phrase parece pômos aos habitantes do Porto o labéu da miseria e sordida avaresa; o que em verdade fora solemne mentira. Os homens abastados daquella cidade são economicos; e exactissimos nos seus contractos; mas de nenhum modo vis. Caberá por ventura tal nome áquelles que sacrificaram ainda ha pouco pela salvação publica, bens fazendas e vidas? — Durante o espantoso assedio que o Porto soffreu, as casas dos particulares estiveram constantemente abertas para agasalhar feridos: as bolgas para termos pão, vestidos, e armas: isto sem ostentação, sem queixume, sem esperança de recompensa. Estes corações aquecidos pelo mais ardente amor da patria votaram-se inteiramente á salvação publica, e depois de lhe sacrificarem a fazenda e o repouso, muitos lhe deram a vida. Que outra povoação do reino se poderá gabar de tanto? — E quem ousará accusar os portuenses de menos-generosos?

A primeira impressão que produz o tracto dos habitantes do Porto é causa da idéa mesquinha que muitos fazem delles, o seu ar modesto, mas um pouco rude, fere a delicadeza estudada de nós-outros homens da capital: mas um povo que se julgar pelas apparencias nunca será bem julgado. É preciso viver com elles familiarmente para lhes fazer, como nós lhes fazemos, plena e bem merecida justiça.

Os limites deste numero do Panorama não nos permitem dizer o muito mais que haveria a notar ácerca do Porto. Tambem, por semelhante motivo, deixaremos para outro logar as observações que nos cumpre apresentar ácerca das outras grandes povoações do Minho.

#### ANIMAES EXCOMMUNGADOS.

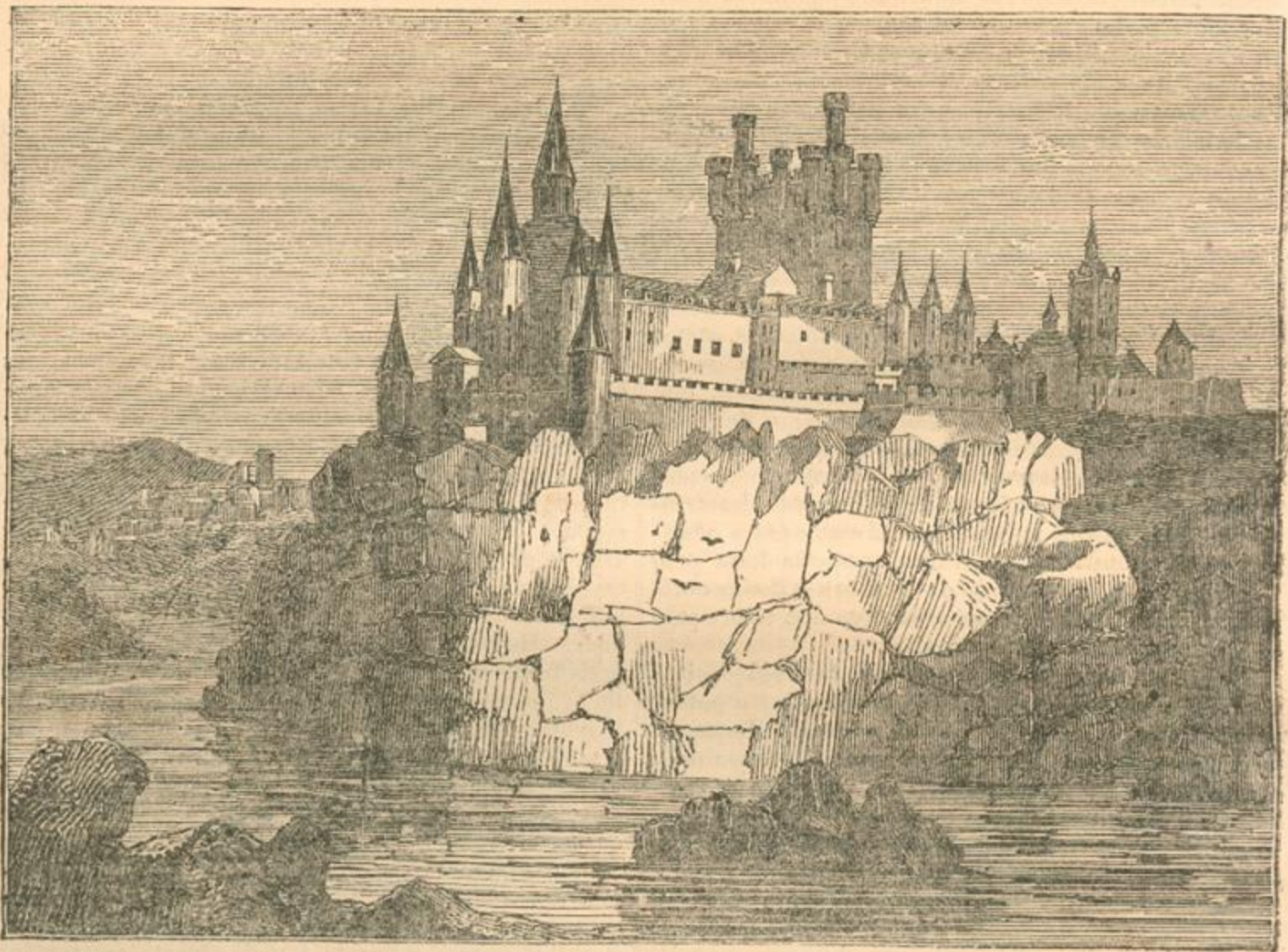
NÃO HOUVE um unico meio que nos tempos de ignorancia deixassem de pôr em practica os embaidores para colherem fructo da credulidade do povo. A excommunhão, arma terrivel com que o clero tantas vezes derrubou reis e grandes da terra julgou-se que tambem poderia ferir os brutos, e que a estes não valeria contra ella a sua irracionalidade. Ainda quasi no nosso tempo se excommungavam no Alentejo os

gafanhotos, e se lhes ordenava não destruissem as searas; porém dois seculos antes este uso era geral, e delle se contam repetidos e notaveis exemplos.

Pelo meado do seculo 16.<sup>o</sup> padecia o principado das Asturias uma terrivel praga de ratos, que devoravam os fructos e destruiam as sementeiras. Recorreram primeiro contra elles a exorcismos; mas vendo que os ratos não eram diabos, tomaram uma resolução extravagante. Reduziram a materia a termos de justiça, perante um tribunal ecclesiastico, para que este á vista do processo, fulminasse sentença contra aquellas sevandijas. Deram-lhes advogado, e procurador, que os defendessem: representaram estes que os ratos eram creaturas de Deus, e que se este os havia creado naquella terra, é porque lhes pertenciam os fructos della. Apesar da allegação tiveram os ratos sentença contra, e ordem de despejo, pena de excomunhão se não fugissem para as montanhas. É tradição entre os povos das Asturias, que, allegando os procuradores dos ratos, que não podiam os seus cons-

tituintes cumprir a sentença, por causa de varios ribeiros que tinham de passar, os juizes mandaram atravessar sobre os rios barrotes que lhes servissem de pontes, e que então os ratos obedeceram, estando muitos dias a passar para as serras exercitos e exercitos delles. É facil de conhecer o credito que tal tradição merece: mas o extravagante processo ainda o viu o historiador Davila.

Esta practica supersticiosa era tambem vulgar em França no seculo 15.<sup>o</sup>, segundo refere o padre Lebrun na sua *Historia Critica das Practicas Supersticiosas*: nesta obra copia o auctor por inteiro a sentença que o juiz ecclesiastico do bispado de Troyes fulminou contra os bichos que infestavam aquelle paiz, declarando-os maldictos e anathematisados, senão saíssem immediatamente daquelle districto. O padre Bernardes conta ter-se usado do mesmo arbitrio no Maranhão, procedendo-se judicialmente, e dando-se sentença contra uma prodigiosa multidão de formigas, que infestava um convento de frades franciscanos.



O CASTELLO DE SEGOVIA.

A CIDADE de Segovia é a capital da provincia do mesmo nome no antigo reino da Castella a Velha, em Hespanha. É a antiga Segovia, cidade celtibera aformoseada por Trajano, e que ainda não perdeu o nome desde o tempo dos romanos: está situada n'um serro montuoso banhado por um rio. A porta arábica, e *el Alcazar*, antigo castello flanqueado de torrihas, e edificado sobre uma rocha ingreme e alcançada, podem testemunhar ao estrangeiro o estado florescente da cidade no tempo do dominio mourisco. Mas isto é nada em comparação com a obra de Trajano, um aqueducto de duas ordens d'arcadas, o qual traz a agua á cidade ha 1700 annos, e consiste em

109 arcos, o maior de 90 pés d'altura; o espaço por que corre excede a 2530 pés. Notando-se esta fabrica tão custosa, facil é de comprehender que, na antiguidade, era Segovia logar muito mais importante do que presentemente é.

A cathedral é o mais formoso edificio moderno da cidade; foi construida no seculo decimo sexto, e seu estilo semi-gothico annuncia o periodo da regeneração da arte. Os estilos das diversas epochas acham-se reunidos no *Alcazar*, sendo a parte interna a mais curiosa do edificio. A escadaria principal é construida segundo os preceitos do bom gosto; e muitas das camaras são adornadas de obra de madeira afeiçãoada

perfeitamente pela mão do entalhador, sendo muita della dourada.

No salão está uma collecção d'estatuas, tambem de páu, que representam os reis d'Oviedo, Leão e Castella, desde Favilla 1.<sup>o</sup>, que reinou no seculo 8.<sup>o</sup> até o tempo da rainha Joanna, chamada a simples, mãe de Carlos 5.<sup>o</sup> Tambem alli estão o Cid campeador, e seu famoso cavallo, Babieca, e a sella, verdadeira ou supposta, deste cavallo, companheiro das victorias do valente capitão. A eschola d'artilheria, fundada por Carlos 3.<sup>o</sup>, está neste edificio, ou pelo menos estava ainda não ha dois annos.

Segovia é tambem bastante conhecida pelas suas fabricas de lanificios, que sempre tiveram fama. A casa da moeda é digna de ver-se, e o machinismo todo desde a fundição até o cunho era movido pela agua do rio.

O *Cid*, de que acima fizemos menção, e cujo nome era Rodrigo Dias de Bivar, nasceu em Burgos pelos annos de 1040. Alcançou grande reputação nas guerras internas, que assolaram o paiz depois do desmembramento do imperio mauritano nas Hespanhas. Aos vinte annos de idade foi armado cavalleiro por D. Fernando 1.<sup>o</sup>, rei de Leão e de Castella. Por uma injuria feita a D. Affonso 5.<sup>o</sup> foi expulso do conselho do monarcha, depois de se ter distinguido em muitas batalhas. Deixou então a Castella, porém levando consigo muitos dos seus servidores e amigos, continuou sempre zeloso no serviço do rei e da patria.

Cinco principes mouros se tinham ligado para assolar a provincia de Rioja; porém Rodrigo lhes saiu ao encontro com a sua comitiva, e, tendo-os completamente desbaratado, lhes impoz tributos em nome d'elrei de Castella. Por este feito, chamado á côrte, recebeu os embaixadores mouros na presença de D. Affonso, que o saudou com o titulo de el *Cid*, que em idioma mourisco quer dizer *senhor*; e dahi lhe proveio a antonomasia porque é conhecido nas historias e tradições hespanholas. Não obstante os seus muitos e distinctos serviços, foi novamente desterrado da côrte, porque Affonso nunca esquecera a offensa antiga. Consistia esta n'uma proposta feita pelo *Cid* á nobreza, em virtude da qual era Affonso obrigado a jurar, no acto da coroação, que não tivera parte no assassinio do rei seu irmão.

Durante este segundo degredo o valoroso capitão continuou suas correrias contra os mouros, e obteve assignaladas victorias. Depois da morte de Hiaja, rei de Toledo, apossando-se da cidade se estabeleceu nella com seus irmãos d'armas em 1094; e posto que governasse ahi com soberana auctoridade, recusou sempre o titulo de rei, reconhecendo-se feudatario do monarcha de Castella. Morreu em Valencia em 1099.

Tal parece ser a verdadeira historia deste campeão, cujas proezas deram origem a muitos romances, como o do padre Bayão, que corre em vulgar.

#### CORTEZ DESPREZADO NA CÔRTE DE CARLOS 5.<sup>o</sup>

CORTEZ, determinado a avistar-se e encarar com os inimigos que de longe o fatigavam com perfidos ataques, voltou á patria, e Carlos 5.<sup>o</sup> o recebeu com frieza. Não perdeu o animo o conquistador do Novo-Mundo; foi cada vez mais assiduo em fazer côrte ao monarcha, seguiu-o á sua expedição de Argel [1541], combateu como voluntario, e morreu-lhe um cavallo na peleja. Dahi em diante, despresado, confundido na multidão, apenas, a muito custo, obtinha uma audiencia; porque o imperador que outr'ora o temera, já o não temia agora. Eis-aqui em poucas palavras a explicação do desfavor e desprezo em que in-

correra. Certo dia um edoso guerreiro, abrindo passagem por entre a turba que cercava a carroagem do monarcha, pôz os pés no estribo: — Quem sois? lhe disse Carlos 5.<sup>o</sup>. — Sou um homem, respondeu Cortez com arrogancia, que vos deu mais provincias do que cidades vossos paes vos legaram.

#### ORIGEM DA INDEPENDENCIA DA SUISSA.

DEPOIS que os suissos se tinham sujeitado ao dominio austriaco, repetidas affrontas lhe faziam de dia para dia mais insupportavel o jugo estranho. Quanto mais docéis, e submissos se mostravam, tanto mais medravam em crueldade os seus governantes.

Alberto, o primeiro, duque d'Austria, não herdou as virtudes politicas de seu pae. Este principe avarento para deixar a seus filhos apanagios dignos do seu nascimento, traçou subjugar por meios brandos ou pela força as regiões da Suissa limitrophes do seu patrimonio, abusando para esse fim do poder que a dignidade de rei dos romanos, e o titulo de imperador lhe conferiam. Foi ao principio mais bem succedido do que esperara; porém o valor e amor da liberdade que animavam os estados de Uri, Schweitz e Underwalden lhe foram barreiras impenetraveis, e nem carinhos, nem ameaças os resolveram a aceitar o jugo dourado com que lhes acenava. Na qualidade de cidadãos do imperio romano, e membros do augusto corpo de que o imperador é unicamente o cabeça, declararam aos commissarios d'Alberto, que se lhes não era dado quebrar estes vinculos respeitaveis sem commetter infidelidade, tão pouco podiam sem aviltar-se troca-los por outros menos honrosos. Alberto, esperando melhor resultado da violencia, em vez d'um só prefeito imperial mandou dois para governa-los. Ao paiz de Uri e de Schweitz coube em sorte um cavalleiro por nome Gesler, de feroz indole, e apto para executar os designios d'um tyranno. Este homem despiedado veio residir n'um palacio chamado a *Torre de Altorff*, na capital do cantão de Uri, e as prepotencias que practicou, se não as atestassem monumentos authenticos, seriam tidas por fabulosas. Mandou construir um castello sobre uma eminencia sobranceira a Altorff, e excogitou o nome mais insultuoso para pôr á nova fortificação. Quiz que lhe chamassem *Zuing-Uri*, ou *Preio d'Uri*. Entre as loucuras tyrannicas de Gesler avulta a de mandar pôr o seu chapeu sobre uma vara na praça publica de Altorff, e de publicar que todos que passassem por diante do chapeu, juncto ao qual postara uma guarda, devia curvar o joelho, e reverencia-lo como convinha ao rei dos romanos, seu amo, ou á sua propria pessoa. Em dois motivos se fundava esta invenção extravagante; em constringer o povo a confessar d'alguma sorte que estava reduzido á mais abjecta escravidão, e em conhecer a fundo o character dos habitantes, provando a paciencia d'uns e irritando o descontentamento d'outros. Parece que a providencia inspirara o delirio do orgulhoso Gesler para conduzi-lo ao seu fim tragico, e lhe designara como objecto de adoração o chapeu que, sendo entre os romanos symbolo da alforria, devia ser para os suissos o signal da liberdade.

Um habitante da parochia de Burglen, aldêa meia legua distante de Altorff, foi convencido de ter passado muitas vezes por diante do chapeu sem prostrar-se: era este homem o celebre *Guilherme Tell*. Ignora-se se tinha sido iniciado na liga secreta que Gualter Furst de Uri, Werner Stauffacher de Schweitz, e Arnoldo de Meletal, tinham anteriormente entre si formado para quebrarem os ferros que agrilhoavam

a patria. Tell foi colhido em flagrante, e denunciado como rebelde ao barbaresco Gesler aos 18 de Novembro de 1307. Porque motivo, lhe perguntou Gesler, em tom cholérico, desobedeceste ás minhas ordens, e faltaste ao acatamento devido ao rei dos romanos? Porque motivo em fim tiveste o atrevimento de passar por diante do chapéu sem reverencia-lo?... Caro senhor, respondeu Tell, se eu fiz isso foi por acaso, e não por desprezo; perdoae-me. Se eu tivesse muito juizo não me chamariam Tell. [Tell em allemão antigo significa estúpido].

Outro qualquer, que não fosse Gesler se contentaria com esta resposta singela, porém o tyranno condemnou aquelle infeliz ao mais cruel supplicio que póde imaginar-se. Sabendo que Tell tinha dois lindos filhos a quem muito amava e que era um dos melhores bésteiros da Suissa, ordenou que lhe trouxessem os filhos de Tell e lhe disse: "Qual destes meninos te é mais caro?... Ambos amo igualmente, respondeu o bom Tell. Então Gesler mandando pôr uma maça sobre a cabeça d'um dos meninos, ordenou ao pae que a varasse com uma setta, impondo-lhe pena de morte se não acertasse ao primeiro tiro. Tell aterrado com esta ordem caiu aos pés de Gesler, pedindo-lhe que a revogasse, pois preferia ser morto a ser o assassino de seu filho. O inflexivel governador deu-lhe a escolher obedecer ou ser suppliciado com todos os seus filhos. Todos sabem que o perito bésteiro, vendo que não lhe restava outro meio de salvação, e tendo posto no ceu a sua unica esperança, conseguiu derribar a maça sem offender o menino, que contava então seis annos. Gesler o applaudiu e elogiou, porém como visse que trazia na aljava outra setta, perguntou-lhe para que era, e notando a confusão de Guilherme, insistiu na pergunta, com a promessa de salvar-lhe a vida fosse qual fosse a confissão. "Fiado na promessa, disse Tell, revelar-vos-hei a pura verdade. Tinha resolvido, se ferisse meu filho, matar-vos com a segunda flecha, e estou bem certo que não erraria o alvo."

Gesler, ligado pela palavra, não podendo tirar a vida a Tell, determinou encerra-lo em logar onde não tornasse a ver a luz do dia. Entregou-o pois á sua guarda e mandou que amarrado o levassem a Fluereu, povoação situada nas margens do lago, meia legua distante de Altorff, e embarcando-se alli, seguido dos seus satellites, com o preso, quiz servir-se do lago de Lucerna até Brunnen, e d'alli conduzir Tell, pelo paiz de Scheweytz, para o seu terrivel castello de Hussnach, onde devia acabar a vida n'uma escura torre. Iam na mesma barca a bésta, a aljava, e a flecha de Tell. Entretanto, quando estavam entre Sisigen e Fluereu, levantou-se um vento rijissimo e as ondas revoltas ameaçavam submergir o batel. Neste perigo extremo lembrou um domestico de Gesler que Tell, era tão habil barqueiro como bom bésteiro, e que visto que o arraes já não atinava com o governo da embarcação, util fóra valerem-se do prestimo d'um homem tão robusto e experiente. Perguntaram-lhe pois se acaso se atrevia a salva-los, e havendo elle respondido que sim, soltaram-no logo, e entregaram-lhe o leme. Entre Sisigen e Fluereu, do lado direito, estão duas montanhas compostas de rochedos alcantilados, inteiramente inacessiveis pelo lado do lago. Tell lançando os olhos ora ás armas que aos pés lhe jazem, ora ás montanhas para aproveitar o instante favoravel para saltar fóra da barca, descobre em fim um penedo largo e chato, e brada aos remeiros para que forcem os remos até dobrarem o rochedo que lhes assegura ser o logar mais perigoso. Tendo chegado a sitio azado para o seu intento, arriba sobre o rochedo, lança mão das armas, salta para terra, e com um

dos pés empurra ao mesmo tempo a barca para o lago. Quando chegou ás eminencias que estão nas margens da estrada real, entre Art e Hussnach, emboscou-se n'uma paragem por onde Gesler havia forçosamente passar para o castello de Hussnach.

Depois de lutar largo espaço com as ondas ponde o batel a grão custo tomar o porto de Brunnen; alli montou Gesler e o seu sequito a cavallo para atravessarem o paiz de Scheweytz, porém ao passarem pelo sitio onde Tell se escondera, este quando o governador jurava perde-lo, com uma setta o precipitou morto do cavallo abaixo. Fugiu depois, favorecido pela noite, para a banda de Art, e só parou em Steinen onde morava Stauffacher, ao qual narrou toda a aventura. Partiu d'aqui para Brunnen, e um barqueiro, amigo secreto da conjuração, o transportou para Uri, onde chegou ainda de noite, e se escondeu. Gaucher Furst e os outros conspiradores, informados do acontecido, assim como a gente de Underwalden, sentiram que Guilherme Tell não houvesse dissimulado até o primeiro do anno 1308, que era o dia aprazado para a execução do projecto; todavia pegaram em armas, reuniram-se, guarneceram os desfiladeiros das montanhas, expulsaram os outros governadores, e arrasaram as fortalezas.

Por cima do caminho onde Tell matou a Gesler foi edificada depois uma capella que subsiste ainda, e outra no sitio onde fugira da barca. Alli estão pintadas toda a historia deste heroe, e a origem da liberdade dos suissos. O penedo em que saltou Guilherme Tell tambem ainda hoje conserva o seu nome e lhe chamam *Tellen Blatten*, ou *Rocha de Tell*.

#### ADVERTENCIA A'S PESSOAS QUE SE PERTENDEM CURAR A SI PROPRIOS.

O PODER da medecina preventiva é tão certo, quanto é incerto o da medecina curativa. Como não faz tremer o amor da propria vida áquellas pessoas que se atrevem a tractarem-se a si proprias, e a consultarem charlatões e curandeiros? — Como não clama a consciencia áquelles que juncto de um desgraçado que a doença lançou no leito da dôr, lhe aconselham siga um curativo com que outros se deram bem, sem lhes importar o character e natureza da molestia, e o temperamento do individuo. Crer-se-ia que a vida é uma bagatella, e que a morte tem cura.

Quantas pessoas ha que para dissipar uma leve indisposição, se purgam ou sangram ao acaso? Os que tomam tão facilmente purgantes parecem ignorar que ha uma escolha que fazer entre os medicamentos: não estudaram materia medica, nem isso lhes importa: sem conhecerem as propriedades das substancias tomam as primeiras drogas que lhes occorrem.. Parece que pouco lhes importa o resultado; e comtudo, quantas vezes este é funesto!

Quando a mania de tomar purgantes fór incuravel, tomem-se ao menos com substancias pouco perigosas. Nesse caso com duas onças de sulfato de soda, ou de sulfato de magnesia, alcançar-se-ha o desejado effeito, se não fór inteiramente improprio o purgante nessa doença. Estes medicamentos não farão mal, salvo se o doente estiver no caso de lhe ser nocivo o purgante: mas para julgar isto accresce nova difficuldade que só póde resolver o medico. — *Gamsal*.

#### ORIGEM DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL.

POR MUITOS annos se deu ao estabelecimento deste terrivel tribunal no nosso paiz uma origem fabulosa

e extraordinária: hoje, posto que a fabula tenha sido destruída pelo facho da critica, ainda ha quem a repita, e crêa. Parece-nos pois curioso o dar uma idéa da sua verdadeira origem, apresentando ao mesmo tempo a fabula que sobre isso se conta, e que nem pelo ser deixaram de narrar com toda a gravidade alguns escriptores de nota.

Um mancebo chamado Pedro Saavedra, natural de Cordova, que tinha rara habilidade para imitar toda a casta de letras, tractou de aproveitar esta habilidade para se engrandecer. A sua ousadia o fez metter hombros ás mais arriscadas empresas. Fingindo cédulas reaes, e ordens de pagamento passadas pelos ministros da fazenda, não só extorquiu dos cofres publicos avultadas sommas, mas despachou-se a si proprio com o habito de Santiago, e com uma commenda de seis mil cruzados. A casualidade, porém, o metteu na senda de um precipicio; vendo um breve do papa, dirigido a D. João 3.<sup>o</sup> de Portugal, veio-lhe á idéa fabricar outro e dirigir-se a este paiz com o titulo de Nuncio, com o intuito de estabelecer nelle a inquisição. Fazendo, pois, por sua mão os breves e despachos necessarios, e aproveitando-se dos dinheiros que tinha arranjado com os antecedentes embustes, entrou em Portugal, fazendo o papel de Nuncio. — Fê-lo com tanta arte e dispoz tão bem as cousas, que foi recebido e tractado como tal. Durou a farça seis mezes, e neste meio tempo alcançou estabelecer a inquisição, mas descoberto o engano, e julgado no mesmo tribunal que creára, foi condemnado a galés, onde permaneceu 13 annos, sendo depois solto por petição do papa, que desejava conhece-lo. Esta é a historia vulgar da origem da inquisição portugueza, historia que, além de outros escriptores, foi dada como certa pelo hespanhol Luiz de Paramo, que escreveu um volume sobre as origens da inquisição.

Porém hoje parece estar provado ser outra a verdade. Os papeis mais antigos dos archivos deste tribunal, de horrorosa recordação, bem como os do archivo real mostram que elle teve uma bem differente origem, a qual poremos neste logar, o mais resumidamente que nos for possivel.

Quando D. Manuel fez a perseguição aos judeus, que mencionamos a paginas 21 do 1.<sup>o</sup> volume, os que fingiram terem-se convertido ao christianismo continuaram secretamente na practica da religião judaica. Soube-se deste procedimento dos judeus, e o fanatico D. João 3.<sup>o</sup> que tinha subido ao throno, pediu ao papa estabelecesse a inquisição em Portugal; mas os judeus souberam abrandar com seu ouro a colera de Roma por algum tempo. Venceu por fim o espirito do seculo, e em 1531 a inquisição foi instituida por uma bulla: negociaram outra vez os judeus com a sé romana, e além de alcançarem indulto geral, obtiveram em 1534 fosse a inquisição suspendida. Dahi a pouco porém, D. João 3.<sup>o</sup> começou a trabalhar com tanto afinco em beneficiar o seu povo com a restauração daquelle sanguinario tribunal, que em 1536 foi diffinitivamente erecto, sendo primeiro inquisidor geral D. Fr. Diogo da Silva até 1539, em que por cessão delle se deu este cargo ao cardeal infante D. Henrique, depois rei de Portugal, por morte de D. Sebastião.

É esta a verdadeira origem dessa instituição horriavel, filha do fanatismo, que a religião reprova, e de que livrou o mundo a philosophia e a illustração deste seculo.

MANEIRA DE CONSERVAR AS SEMENTES REMETTIDAS DE PAIZES REMOTOS.

É SABIDO que o tempo, a mudança de temperatura,

a luz, e a entrada do ar, privam as sementes das plantas da propriedade de germinar. Mr. Roxburgh, celebre botanico que viveu muito tempo na India, conservava perfeitamente as sementes que mandava para a Inglaterra, segundo diz um jornal inglez, cobrindo-as com uma camada espessa de gomma arabica; precaução, por certo, impertinente quando as sementes eram miudas, mas que não se lhe dava de empregar porque podia affiançar a boa conservação d'ellas.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos  
de  
J. C.

6 de Maio

1527 — A cidade de Roma é esbombardeada e saqueada pelas tropas do imperador Carlos 5.<sup>o</sup>, capitaneadas pelo duque de Bourbon, que morreu no assalto. Foi esta a sexta vez que Roma soffreu os horrores de uma cidade levada de assalto, sendo a primeira vez quando foi tomada pelos Gallos no anno 364 da sua fundação; a 2.<sup>a</sup> por Alarico rei dos godos, no anno de Christo 410; a 3.<sup>a</sup> por Genserico, rei dos vandalos em 455; a 4.<sup>a</sup> por Odoacro, rei dos Herulos; a 5.<sup>a</sup> por Totila rei dos godos em 546.

1678 — Morte de Jansenio, bispo de Ypres, que se considera como o fundador da seita dos jansenistas.

7

399 antes de Christo: Socrates morre em Athenas envenenado por ordem dos juizes.

8

1144 — Conquista D. Affonso Henriques a villa de Santarem.

1794 — Lavoisier, um dos creadores das sciencias chemicas, é guilhotinado em Paris por sentença do tribunal revolucionario.

9

1512 — Fernão Lopes de Andrade com uma armada de 17 vellas, guarnecida por 350 portuguezes, e alguns malaios accomette a armada de Pate-Onuz, que vinha contra Malaca, composta de 90 vellas, trazendo 12:000 homens de guarnição. Depois de uma brava peleja, que durou muitas horas ficou a victoria na mão dos portuguezes, em cujas mãos caíram muitas embarcações, ficando outras queimadas ou mettidas a pique. Esta batalha, que encheu de terror as nações do Oriente, foi uma das mais espantosas que os portuguezes ganharam na India.

1805 — Morte do celebre poeta allemão Schiller.

10

1774 — Morte do abbade Sicard, um dos instituidores das escholas de surdos-mudos.

11

1703 — Morte de Mansarte celebre architecto do tempo de Luiz 14.<sup>o</sup>

12

1430 — Fallece o condestavel Nuno Alvares Pereira, no convento do Carmo em Lisboa.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.<sup>o</sup> 55 = 1.<sup>o</sup> andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.